

**ANÁLISE DA GRAFIA
FONÉTICA NAS SALAS DE
'BATE-PAPO'
EM ESPANHOL**

CASTELA, Greice da Silva¹

¹ Doutoranda em Letras Neolatinas na UFRJ. Mestre em Letras Neolatinas pela UFRJ. Especialista em Leitura instrumental em Espanhol como Língua Estrangeira pela UERJ. Professora assistente de Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana na UNIOESTE, campus de Cascavel.

Resumo: Neste artigo, identificamos e caracterizamos a ocorrência de 'grafia fonética', isto é, o uso ou a ausência de letras, na sala de 'bate-papo', para representar sons e variações da língua que são percebidas na fala, mas que são 'neutralizadas' pela escrita ortográfica. Além disso, discutimos a natureza da interação em uma sala de 'bate-papo' (*chat*) em língua espanhola com relação às modalidades oral e escrita da linguagem e sua caracterização de acordo com o grau de planejamento de seus enunciados. Os recursos empregados no *chat* não representam uma 're-oralização', ou seja, não são uma tentativa de imprimir um caráter 'falado' ao que precisa ser escrito. A grafia fonética possui uma função 'coloquializadora', reintroduzindo na interação escrita, por um lado, a variação apagada pela ortografia, e por outro, a força ilocutória associada na fala às marcas prosódicas, tais como os alongamentos. Essas modificações ortográficas podem ser associadas a uma oposição às regras estabelecidas da língua escrita ou a uma vertente lúdica da escrita.

Palavras-chave: grafia fonética; língua espanhola; *chat*.

Abstract: In this article we identify and describe the occurrence of "phonetic orthography", that is, the use or the lack of letters, in "chat" rooms, to represent sounds and variations of the language that are noticed in the speech, but "neutralized" by the spelling. In addition, we discuss the nature of the interaction in a "chat" room in Spanish language regarding the oral and written forms of language, as well as its description according to the degree of planning of the utterances. The resources employed in the "chat" room do not represent an attempt of giving a "spoken" character to what must be written. The phonetic spelling has a "colloquializing" function, reintroducing in the written interaction, on the one hand, the variation deleted by spelling, and on the other hand, the illocutory act associated, in the speech, to the prosodic features, such as the prolongations. Those orthographic modifications can be associated either to an opposition to the established rules of written language or to a ludic use of writing.

Key-words: phonetic orthography; Spanish language; chat rooms.

I INTRODUÇÃO

Neste artigo, analisamos a escrita de onze acadêmicos do 3º ano de um curso de Letras (Português/Espanhol) e a de supostos hispano-falantes durante a interação no canal *Amistad* da sala de 'bate-papo' localizada no *site* do jornal espanhol *El País*. Detemo-nos, especificamente, na identificação e caracterização da ocorrência de 'grafia fonética' (YUS, 2001),

isto é, no uso ou na ausência de letras para representar sons e variações da língua que são percebidas na fala, mas que são 'neutralizadas' pela escrita ortográfica. Além disso, discutimos, por um lado, a natureza da interação no *chat* com relação às modalidades oral e escrita da linguagem, e, por outro lado, sua caracterização de acordo com o grau de planejamento de seus enunciados.

2 CMC: MODALIDADE ORAL OU ESCRITA?

A Comunicação Mediada por Computador (CMC) (MADEIRA LOURENÇO, 2001; SOUZA, 2001; YUS, 2001; MAYANS, 2002), também denominada interação *on-line* (IOL) (CHAVES, 2001) ou discurso eletrônico (JONSSON, 1997), pode apresentar um alto grau de planejamento quando os enunciados não são produzidos e enviados em tempo real (CMC assíncrona), e um baixo grau de planejamento no caso de sua produção e recepção ocorrerem simultaneamente (CMC síncrona).

A sala de 'bate-papo' de IRC (*Internet Relay Chat*) permite a comunicação quase síncrona entre os participantes, desde que estejam conectados à Internet. Esse tipo de interação problematiza tanto a caracterização dicotômica de escrita e oralidade quanto a proposta tipológica de um *continuum* entre o oral e o escrito. As principais diferenças apontadas por diversos autores para essas duas modalidades da linguagem estão relacionadas (1) à presença dos interlocutores: ao contrário do que ocorre na escrita, na fala o falante interage diretamente com seus interlocutores e pode monitorar o efeito do que é dito no ouvinte (CHAFE, 1982); (2) à rapidez: a escrita é mais lenta que a fala (CHAFE, 1982); (3) ao planejamento: a fala é planejada localmente (KOCH, 1992), ou seja, cada enunciado se ajusta à interação imediata. Como pode haver uma organização prévia não percebida pelos participantes, relativiza-se a noção de espontaneidade. Já a escrita dispõe de mais tempo de planejamento; (4) à preocupação normativa: diferentemente da escrita, na fala, o imediatismo e dinamicidade são mais importantes que a 'correção' ortográfi-

ca e gramatical. Logo, exigências pragmáticas se sobrepõem às sintáticas; (5) ao canal: na fala, como a comunicação é oral, o canal é sonoro e visual. Já na comunicação escrita, o canal é somente visual; (6) ao armazenamento: a fala só permanece se for gravada, mas a escrita é produzida e armazenada em vários suportes; e (7) ao envolvimento: Chafe (1982) destaca o envolvimento entre os interlocutores como característico da fala. A escrita pode apresentar envolvimento e afetividade em diferentes graus, de acordo com as intenções do interlocutor (ALVES, 2001, p. 134).

Segundo essa visão, o *chat* seria híbrido, isto é, um gênero confuso (MAYANS, 2002, p. 41) por mesclar características da escrita e da oralidade. Por um lado, seus enunciados são expressos por meio de grafemas. Por outro, parece aproximar-se da oralidade devido à sua interatividade, à organização da troca de turnos, à co-construção local do discurso, à sujeição às exigências temporais e às necessidade de contextualização paralingüística.

A falta de estudos teóricos contribuiu para a disseminação de uma visão reducionista, segundo a qual a escrita mantém as funções da comunicação oral sem dar conta de seus matizes, porém, permitindo a comunicação à distância e uma maior durabilidade da mensagem. Autores como Dias (2000), Hilgert (2001), López Quero (2003), Marcuschi (2004) e Yus (2001) também sugerem que a sala de 'bate-papo' mistura características das duas modalidades da linguagem, já que simula uma conversa cujo objetivo é uma interação rápida realizada numa 'folha de papel virtual', onde a mensagem é digitada pelo emissor e lida pelo receptor, produzindo um "texto falado por escrito" (HILGERT, 2001, p. 40). O *chat* é visto como "um híbrido entre a escritabilidade e formalidade da letra impressa, por um lado, e a qualidade efêmera e informal da fala, por outro" (YUS, 2001, p. 139). Seus interlocutores sentem-se em uma interação falada, mesmo o canal sendo somente texto escrito (FONSECA, 2001). Além do termo "híbrido", Araújo e Melo (2003, p. 55) utilizam a expressão "natureza 'hermafrodita' da linguagem" para se referirem à linguagem do *chat* como um

[...] registro 'escritural' resultante da simbiose das características do registro escrito (como o uso de um sistema alfabético, do teclado, de abreviaturas e de acrônimos) e do registro oral/ coloquial (principalmente, a informalidade e a espontaneidade, repetições e exclamações freqüentes).

A essa concepção dicotômica entre língua oral e língua escrita, contrapõe-se uma segunda visão, que procura estabelecer um *continuum* entre essas duas modalidades da linguagem. Nessa perspectiva, o discurso escrito e o oral não são excludentes, mas possuem finalidades distintas. Ao contrário do discurso escrito, que visa à transmissão de conteúdos objetivos, o discurso oral, em situações informais, tem por finalidade a interação e a relação entre os interlocutores, sendo a maneira como os enunciados são ditos mais relevante que seu conteúdo objetivo (TANNEN, 1985).

Barros (2001) e Hilgert (2001) também ressaltam a articulação existente entre as modalidades oral e escrita da língua apresentada pelas salas de 'bate-papo', já que, na condição de modos complementares de compreender o mundo, possibilitam diferentes formas de produção de sentidos e relacionamento entre os interlocutores. Os textos falados e escritos possuem papéis distintos na sociedade e constroem sentidos de maneiras diferentes. "A escrita não transcreve apenas a fala em outra substância de expressão" (BARROS, 2001, p. 74), já que utiliza recursos diversos de expressão, que influenciam na construção do sentido.

Para autores como Marcuschi (1994) e Koch (1992), a fala e a escrita possuem características próprias, mas não devem ser consideradas de modo dicotômico, pois essas nem sempre são exclusivas de uma modalidade, e foram estabelecidas a partir do ideal da escrita. O que se teria, de fato, seriam posições intermediárias entre escrita e oralidade. Assim, a conversação espontânea e a escrita formal seriam pólos opostos e entre ambas se situariam todos os outros tipos de interação verbal e social de produção textual. Estabelecer-se-ia um *continuum* tipológico, com semelhanças e diferenças de acordo com características, estratégias de formulação e traços lingüísticos que determinam o afastamento ou a aproxima-

mação dos textos em relação a cada modalidade. Nesse sentido, Marcuschi (1994, p. 1997), por exemplo, ao considerar as modalidades da linguagem dentro de uma continuidade tipológica, descarta a dicotomia entre língua escrita e língua falada, valorizando o objetivo do discurso, o contexto social de produção e a interseção entre o oral e o escrito.

Entretanto, para um terceiro grupo de lingüistas, nem a escrita, nem a fala podem ser consideradas de forma autônoma, dicotômica, como códigos paralelos ou de forma homogênea no 'singular'. Ao falar 'do oral' e 'do escrito' num *continuum*, cabe perguntar, como Ferreiro (2001, p. 151), a que oralidade e a que escrita estamos nos referindo. No caso específico da escrita, para essa autora, "implicitamente, sob essa denominação em singular se pensa quase exclusivamente na escrita alfabética, concebida como o ponto culminante de uma evolução histórica" (p. 151). A partir do papel fundador da escrita para a representação da língua (BLANCHE-BENVENISTE, 1998; LARA, 2002; FERREIRO, 2001), difunde-se uma falsa idéia de estabilidade e homogeneidade do próprio princípio da escrita vinculada à tradição discursiva da prosa. Esta modalidade historicamente instituída nem é a única forma de escrita, nem é homogênea: varia de acordo com a finalidade pragmática, com a natureza dos símbolos híbridos utilizados e com o grau de planejamento.

Considerando que "não é possível construir uma posição estável entre o escrito e o falado", Blanche-Benveniste (1998, p. 34) propõe o deslocamento da posição intermediária entre as duas modalidades para a oposição estabelecida de acordo com o maior ou menor grau de planejamento e espontaneidade, sugerindo que o grau de planificação da mensagem é inversamente proporcional à sua velocidade de produção. Como esta autora adverte, a língua falada, também denominada 'oralidade', só pode ser comparada a um rascunho da escrita, visto que o processo de elaboração se revela no texto. A escrita mais espontânea tende a revelar as marcas de sua elaboração, tal como ocorre em rascunhos, anotações mnemônicas e no *chat*. A sala de 'bate-papo', enquanto forma

de escrita utilizada para relação interpessoal, apesar de não ser totalmente espontânea, possui um dos menores tempos de planejamento da escrita, devido à natureza quase síncrona da interação exigida pelo suporte. Essa escrita com um alto grau de espontaneidade tenta, com a finalidade de tornar a interação mais coloquial, recuperar alguns fenômenos da fala apagados pela ortografia e não representados pela escrita normativa. Podemos relacionar ao que ocorre no *chat* a seguinte afirmação de Blanche-Benveniste (1998, p. 41), referente à oralidade: “como participantes de um diálogo, estamos atentos sobretudo ao que o outro quer dizer, mais que ao que diz, e à forma exata e literal de seu discurso”. Igualmente, nas salas de ‘bate-papo’, o conteúdo dos enunciados é mais importante que sua forma gráfica.

3 A ‘GRAFIA FONÉTICA’

Denominamos ‘grafia fonética’ (YUS, 2001) o uso ou a ausência de letras, na sala de ‘bate-papo’, para representar sons e variações da língua que são percebidas na fala, mas que são ‘neutralizadas’ pela escrita ortográfica. Os grafemas, muitas vezes, são utilizados com valor fonológico nessa interação. Essas modificações ortográficas podem ser associadas a uma oposição às regras estabelecidas da língua escrita (MAYANS, 2002) ou a uma “vertente lúdica da escrita que, na maioria dos casos, parece compensar o possível aumento no esforço de processamento requerido para rastrear os significados ocultos por trás das grafias fonéticas” (YUS, 2001, p. 145).

Um dos fenômenos de variação fonética mais registrados no *chat* é o enfraquecimento das oclusivas sonoras /b d g/. Este fenômeno é uma tendência geral do espanhol oral, mas é apagado na escrita ortográfica. No *chat*, esse fenômeno reaparece por meio do apagamento dos grafemas ‘b’, ‘d’ e ‘g’ ou através de sua substituição por ‘w’.

a) grafema Ø ou ‘w’ para representar a realização enfraquecida das oclusivas sonoras /b d g/:

No exemplo (1), ocorre a substituição do grafema 'b' por 'w' na palavra 'bueno', representada como 'weno', e no exemplo (2), a palavra 'buenas' é grafada como 'wenas':

- (1) [08:50] "**SOL**" <@ PINWI @>. PoPo eSTa MuY WeNo
 (2) [09:58] **sira2** WENAS POPO

Os exemplos abaixo revelam a tendência ao apagamento do grafema 'v' ao menos nas palavras 'venga' e 'vengo':

- (1) [10:33] "**kampa**" enga wapa
 (2) [08:51] «**jb**» engo ahoraaaaaaaaaaa

A seguir, no exemplo (1), ocorre o apagamento do grafema 'd' em posição intervocálica, como mostra a grafia da palavra 'aios' (adiós). Embora esse seja o contexto em que seja mais recorrente sua supressão, não é o único. Esse grafema também pode desaparecer no final de uma palavra (exemplo 2) ou em seu início (exemplo 3), como exemplificam os vocábulos 'amista' (amistad) e 'ime' (dime).

- (1) [09:14] "**irene**" aios kalika!!!
 (2) [11:21] **SERGIO** AY UNA AMISTA
 (3) [08:40] «**ELEKTRA**» IME KALIKA?

No exemplo (1) abaixo, há a substituição do grafema 'g' por 'w', de modo que se escreve, 'wapa' por 'guapa'. No exemplo (2), ocorre o apagamento do grafema 'g' no início de palavra, conforme indicam o uso da grafia 'apisima' por 'guapísima'. E o exemplo (3) revela seu apagamento também em posição intervocálica:

- (1) [11:26] **SERGIO** WAPA
 (2) [10:07] «**morenazo19**» apisima
 (3) [09:41] «**Rosae20**» NO PUEDO HACER NADA CON LOS AMIOS

Outra substituição freqüente é a que diz respeito aos grafemas 'z', 'c' e 's' para representar os fenômenos de *seseo* ou *ceceo*, também apagados pela escrita normativa do castelhano.

b) Grafema 's' para representar o som [s] no lugar de 'c' ou 'z' (*seseo*):

O *seseo* é um fenômeno generalizado no espanhol da América. No espanhol castelhano, ocorre um *seseo* urbano em Andaluzia (exceto em Jaén, Granada e Almería) e um *seseo* geral em Canárias (ANDIÓN HERRERO, 2003). Nesse fenômeno, não se distingue a pronúncia dos grafemas 'z' e 'c' seguido das vogais 'e' ou 'i' da pronúncia do grafema 's'. Com a neutralização, há a ausência de /θ/ e a presença de /s/ em seu lugar. A representação do fenômeno de *seseo* é intencional e recorrente. No primeiro exemplo a seguir, o grafema 's' é utilizado no lugar do grafema 'c' para representar o som [s]; dessa maneira, escreve-se 'conoserte' por 'conocerte'. No exemplo (2), o grafema 's' substitui o grafema 'z', a palavra 'conozco' é representada como 'conosco':

(1)[11:10] **SERGIO** YA ME GUSTARIA CONOSERTE

(2)[08:39] «**vero**» NACHO TE CONOSCO

Este fenômeno é particularmente empregado para marcar origem andaluza ou, como no caso do participante 'Dinio', sua origem caribenha num contexto de interação 'castelhana', ou seja, opositor de /s/ e /θ/.

(1)[18:46] **DINIO** por la mañana hasiendo el amor

A representação do *ceceo* também é intencional e aparece reduzida ao caso do marcador conversacional 'pues sí', conforme exemplificado nos enunciados a seguir:

c) Grafema 'z' para representar o som [θ] no lugar de 's' (*ceceo*):

O *ceceo* é um fenômeno do espanhol castelhano caracterizado por grafar 'z' no lugar de 's' para representar o som [θ].

(1) [10:51] **u8888888888 POS ZIP**

(2) [09:11] «**Diablo**» pozi

Outro fenômeno representado exclusivamente pelos participantes no canal de *chat* analisado foi o *yeísmo*.

d) *Yeísmo*:

O *yeísmo* consiste na neutralização da pronúncia dos grafemas 'll' e 'y'. Esse fenômeno é o que predomina tanto no espanhol da América quanto no espanhol peninsular. Em geral, a distinção do som destes grafemas ocorre somente na fala de pessoas idosas e em zonas rurais. Identificamos a troca do grafema 'y' por 'll', por exemplo, nos vocábulos 'vaya' e 'pillar', representados respectivamente como 'valla' (exemplo 1) e 'piyar' (exemplo 2):

(1)[10:27] **pepote** valla con tabu

(2)[09:22] «**Vampira**» ESTA INTENTANDO PIYAR ALGO

A alternância entre esses grafemas pode ocorrer em falantes *yeistas* devido à neutralização da pronúncia, já que, como utilizam o mesmo som para as duas letras, não dominam a grafia dessas palavras ou representam aleatoriamente ambas para subverter o sistema de escrita tradicional, simplificando-o.

e) Ø em vez de 'r' para representar a queda da vibrante em posição silábica final:

Mesmo sem ser muito freqüente, ainda é digna de nota, a elisão do grafema 'r' em posição silábica final, indicando a

realização oscilante da vibrante neste contexto e marcando a fala coloquial, como se verifica no exemplo abaixo:

(1) [10:02] **AnnaKali** JOEEE

Já a troca do grafema 'l' pelo grafema 'r' marca a origem andaluza ou a referência a esta variante.

f) Grafema 'r' no lugar de 'l':

Essa troca pode ser considerada intencional, visto que marca a variação regional e identitária de um participante que se revela discursivamente como andaluz. Essa variação é representada nos enunciados de dois outros participantes, conforme mostram os exemplos (1) e (2), nos quais aparece a grafia 'xarrar' por 'charlar' e 'er' por 'el'.

(1) [08:47] **Fernandito** xarrar x aki?

(2) [08:36] **Afrodita**comotoermundotata

Embora seja menos recorrente, também identificamos que alguns participantes realizam a troca do grafema 'r' por 'l'. A neutralização de /l/ e /r/ em posição implosiva está presente em algumas regiões como Murcia, Extremadura e Canárias, podendo ocasionar variações ortográficas como a apresentada na palavra 'amor', representada como 'amol':

(1) [10:23] **SONIA** mikiiii amolllllllllll

Outro tipo de alteração ortográfica remete diretamente a questões rítmicas ou prosódicas da fala. É o caso da repetição de grafemas para marcar alongamentos e de sua elisão para indicar reduções.

g) Repetições das letras 's', 'n', 'r', 'l', 'f', 'y', 'h', 'k', 'd', 'z' ou vogais pós-tônicas finais para marcar alongamentos:

As repetições mais comuns de grafemas são as das consoantes 's', 'n', 'r', 'l', 'f', 'y', 'k', 'd' e 'z' em final de sílaba para assinalar alongamentos freqüentes na fala, bem como a repetição de vogais átonas, em geral, em final de palavra. Este procedimento rítmico é uma forma de recuperar a função ostensiva e expressiva que a prosódia exerce na fala. A seguir, exemplificamos essas repetições que marcam alongamentos:

- (1) [10:05] **AnnaKali** NOS VEMOSSSSSSSSSS
 (2)[08:56] **CIEZANO27** SUPERRRRRRRRRRR
 RUBIAAAAAAAAAAAAA
 (3)[10:05] "**u66779379**" es de la universidaddddd"dd

Enquanto os participantes utilizaram as repetições das letras 's', 'n', 'r', 'l', 'y', 'f', 'k' ou vogais pós-tônicas finais para marcar alongamentos, os alunos empregaram as repetições das letras 'a', 'i', 'o', 'l', 'x' ou 'y', tanto em posição de final de palavra quanto em seu interior, para indicar esses alongamentos:

- (1) [09:12] "**Priscila**" soy alta, pelo negro, delgada, ojos azules, y guapíiiiiiiiiiiisima
 (2) [09:01] "**brasile**" Alexxx
 (3) [09:32] "**rubia**" Holllllllllllaaa"aaaaaaa
 BOYYYYYYYYYYYYY"

A repetição das letras 'o' e 'a' em posição final de palavra, além de compensar a falta de voz, pode ter a função de intensificar adjetivos e advérbios, equivalendo a 'muito' como "verdadeiros morfemas de grau superlativo" (LÓPEZ QUE-RO, 2003, p. 22). Conforme sugere esse autor, a repetição da vogal final em 'sí' e 'no' também expressa intensificação, assumindo o sentido, respectivamente, de 'claro que sim' e 'de nenhuma maneira'. A intensificação também pode estar marcada no morfema de número.

Há, contudo, um tipo de repetição ostensiva sem correspondente na fala, desenvolvida exclusivamente para o suporte visual, que é a repetição consoante inicial da palavra.

h) Repetições das letras 'p', 'q' e 'h' no início da primeira sílaba da palavra:

(1) [10:17] "**kolega19**" ERA PA OTRO `PPPPRIBI PERO BUENO

(2) [09:16] «**boy**» qqqq pasa

(3) [09:43] «**MORENAZO**» hhhhhhhhhhhhhhol»a

Além dos alongamentos, outro fenômeno rítmico da fala marcado no *chat* é o da redução vocálica, tanto de timbre quanto de duração (apagamento) em posição pré-tônica.

i) Redução de timbre vocálico ou queda de vogais em posição pré-tônica:

Esse recurso pode ser observado no exemplo (1), no qual a palavra 'estoy' é representada por 'toy', e no exemplo (2), no qual 'estamos' é representado como 'tamos'.

(1) [09:30] "**SOL**" <@ **POPO** @>. AMOR YO TAMBIEN TOY ABURRIAAAAAAAA

(2) [08:45] **ELEKTRA** YA TAMOS TOS

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário dos demais participantes, os acadêmicos não empregaram: o grafema Ø ou 'w' para representar a realização enfraquecida das oclusivas sonoras /b d g/; o grafema 's' para representar o som [s] no lugar de 'c' ou 'z' (*seseo*); e o grafema 'z' para representar o som [θ] no lugar de 's' (*ceceo*). Com relação à representação ortográfica do fenômeno de *yeísmo*, somente um aprendiz a utilizou no canal privado, e alguns usuários no canal aberto alternam a utilização de 'y' por 'll'.

Ao contrário de alguns participantes do canal 'Amistad', os alunos não empregaram: Ø em vez de 'r' para representar a queda da vibrante em posição silábica final; o grafema 'r' no lugar de 'l'; e a repetição das letras 'p', 'q' e 'h' em início de palavra. Além disso, os usuários do *chat* empregaram, tanto no canal aberto como no privado, a repetição de grafemas em posição implósiva e o apagamento de vogais em posição pré-tônica. No entanto, somente um aprendiz utilizou esse tipo de repetição, e cinco estudantes representaram graficamente a queda de vogais pré-tônicas. Também é interessante ressaltar que quatro alunos não utilizaram nenhuma das nove estratégias reunidas sob a denominação de 'grafia fonética'.

A grafia fonética possui uma função 'coloquializadora', reintroduzindo na interação escrita, por um lado, a variação apagada pela ortografia, e por outro, a força ilocutória associada na fala às marcas prosódicas, como os alongamentos. Conforme assinalado anteriormente, os recursos expostos, empregados no *chat*, não representam uma 're-oralização', ou seja, não são uma tentativa de imprimir um caráter 'falado' ao que precisa ser escrito. Como Marcuschi (2004, p. 64) sugere, os *chats* "reproduzem estratégias da língua falada", estabelecendo uma "nova relação com os processos de escrita". Consideramos que os dispositivos utilizados nesse tipo de interação são uma tentativa dos participantes de introduzir, com recursos visuais, marcas de heterogeneidade e de subjetividade na escrita.

REFERÊNCIAS

ALVES, Sonia Celia de Oliveira. Interação *on-line* e oralidade. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e (Coord.). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. p. 126-145.

ANDIÓN HERRERO, Maria Antonieta. El español como lengua extranjera: relación entre el estándar y las variedades. In: CONGRESO BRASILEÑO DE PROFESORES DE ESPAÑOL, 10., 2003, Natal. *Actas... Natal*, 2003, p. 1-16.

ARAUJO E SÁ, Maria Helena; MELO, Silvia. Del caos a la creatividad: los chats entre lingüística y didactas. In: LÓPEZ ALONSO, Covadonga; SÉRÉ, Arlette (Eds.). *Nuevos géneros discursivos: los textos electrónicos*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2003, p.45-61.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, Dino (Coord.). *Fala e escrita em questão*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001, p. 57-77.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire. Algunas características de la oralidad. In: *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*. Editorial Gedisa: Barcelona, 1998, p. 19- 64.

CASTELA, Greice da Silva. Estratégias de interação em sala de 'bate-papo': espanhol escrito com funcionamento conversacional. 2005. 245 f. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CHAFE, W. Integration and involvement in speaking, writing and oral literature. In: TANNEN, D. (Coord.). *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. New Jersey: Norwwood, 1982, p. 35-53.

CHAVES, Gilda Maria Monteiro. Interação on-line: Análise de interações em salas de chat. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e (Coord.). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001, p. 37-73.

DIAS, Maria Carmelita Padua. Português falado/português escrito: implicações e interferências na interação através de redes. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (Eds.). *Estudos de lingüística textual do português*. Frankfurt am Main: TFM, 2000, p. 231-250.

FERREIRO, Emilia. Escritura y oralidad: unidades, niveles de análisis y conciencia metalingüística. In: FERREIRO, Emilia (Coord.). *Relaciones de (in)dependencia entre oralidad y escritura*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2001, p. 151-171.

FONSECA, Lorena. Alocação de turnos em salas de chat e em salas de aula. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e (Coord.). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: Fa-

culdade de Letras, UFMG, 2001, p. 74-85.

HILGERT, José Gaston. A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na Internet. In: PRETI, Dino (Coord.). *Fala e escrita em questão*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 2001, p.17-55.

JONSSON, Ewa. *Electronic discourse: on speech and writing on the Internet*. Lulea University of Technology, 1997. Disponível em: <www.ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/ElectronicDscourse.html>. Acesso em: 12 fev. 2006.

KOCH, Ingedore G. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

LARA, Luis Fernando. La escritura como tradición y como instrumento de reflexión: El surgimiento del español escrito. In: FERREIRO, Emilia (Coord.). *Relaciones de (in)dependencia entre oralidad y escritura*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2002, p. 53-65.

LÓPEZ QUERO, Salvador. *El lenguaje de los ‘chats’: aspectos gramaticales*. Granada: Port-Royal Ediciones, 2003.

MADEIRA LOURENÇO, Fábio Fernandes. *A comunicação em língua estrangeira mediada pelo computador: o impacto na precisão*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____; XAVIER, Antônio Carlos (Coord.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção dos sentidos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 13-67

_____. Tratamento da oralidade no ensino de língua. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, I., Salvador, 1994. *Anais...* Salvador: ABRALIN, 1994.

MAYANS I PLANELLS, Joan. *Genero chat o como la etnografía puso un pie en el ciberespacio*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2002.

SOUZA, Ricardo Augusto de. O discurso oral, o discurso escrito e o discurso eletrônico. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e (Coord.). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001, p. 15-36.

TANNEN, Deborah. Relative focus on involvement in oral and written discourse. In: OLSON, David R. et al. (Coords.). *Literacy, language and learning*. London: Cambridge University Press, 1985, p. 125-147.

YUS, Francisco. *Ciberpragmática: el uso del lenguaje en Internet*. Barcelona: Editorial Ariel, 2001.